

CONCEPÇÕES HIGIENISTAS NOS DISCURSOS SOBRE OS ESPORTES NA NATUREZA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: ORIGENS E REPERCUSSÕES

Elisabeth Rivanda Machado ¹

126

Resumo. O presente trabalho tem por objetivo demonstrar as influências do movimento higienista do século XIX na gênese do fenômeno dos esportes na natureza, no qual observamos elementos de uma visão dicotômica entre o espaço urbano e a natureza. Demonstraremos também como elementos desse movimento se perpetuam nos discursos de promoção das práticas esportivas na natureza no Rio de Janeiro contemporâneo e as repercussões das concepções higienistas nas representações da cidade.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, esportes na natureza; espaço urbano; natureza; higienismo.

HYGIENIST NOTIONS IN THE DISCOURSE ABOUT OUTDOOR SPORTS IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO: ORIGINS AND REPERCUSSIONS

Abstract. The present work aims to demonstrate the influences of the hygienist movement of the nineteenth century on the genesis of the phenomenon of outdoor sports, in which we observe elements of a dichotomous vision between the urban space and nature. We will also show how elements of this movement are perpetuated in the discourses promoting outdoor sporting practices in contemporary Rio de Janeiro and the repercussions of hygienist conception in the city's representations.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) / Doutorado Sanduíche na Faculdade de Turismo da Universidade de Málaga, Espanha. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: elisabethrivanda@gmail.com

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões*.

Keywords: Rio de Janeiro, outdoor sports; urban space; nature; hygiene

CONCEPCIONES HIGIENISTAS EN LOS DISCURSOS SOBRE LOS DEPORTES EN LA NATURALEZA EN LA CIUDAD DE RIO DE JANEIRO: ORIGENES Y REPERCUSIONES

Resumen. El presente trabajo tiene por objetivo demostrar las influencias del movimiento higienista del siglo XIX en la génesis del fenómeno de los deportes en la naturaleza, en el que observamos elementos de una visión dicotómica entre el espacio urbano y la naturaleza. Demostraremos también cómo elementos de ese movimiento se perpetúan en los discursos de promoción de las prácticas deportivas en la naturaleza en Río de Janeiro contemporáneo y las repercusiones de las concepciones higienistas en las representaciones de la ciudad.

Palabras clave: Rio de Janeiro, deportes en la naturaleza; espacio urbano; naturaleza; higienismo.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre a origem dos esportes na natureza e sua estreita relação com o processo de urbanização, destacando a influência das ideias higienistas e sua relação com a disseminação de sentidos dicotômicos entre a natureza e o urbano, mobilizadores das práticas esportivas em ambientes naturais.

Este trabalho apresenta uma reflexão paralela à pesquisa de doutoramento em desenvolvimento, cujo objeto de estudo é a cidade do Rio de Janeiro, tendo como foco a construção da narrativa de uma “vocação esportiva” da cidade. O contato com a natureza através do esporte, considerado como “antídoto” para o estresse do cotidiano, revela-se como um dos principais elementos dos discursos midiáticos que noticiam essas práticas. Procuraremos evidenciar neste artigo a influência da concepção higienista nas

MACHADO, Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões.

noções de retorno à natureza e na origem de uma gama de atributos simbólicos relativos aos conceitos de saúde e qualidade de vida proporcionados pelas práticas esportivas em ambientes naturais e que são identificados discursos midiáticos que exaltam a “vocação esportiva” da cidade do Rio de Janeiro.

Com uma breve revisão teórica, abordaremos os sentidos que permeiam o retorno à natureza através dessas atividades esportivas, destacando sua contraposição aos fenômenos de crescimento urbano e o conseqüente aumento na demanda pelo turismo, pelo lazer e pelas demais atividades que proporcionem uma melhor qualidade de vida nas cidades.

A concepção da natureza como ambiente ideal tanto para a cura quanto para a prevenção e doenças, relacionada ao fortalecimento e a educação do corpo e da mente, por meio de exercício ou do lazer, são elementos marcantes no discurso higienista no século XIX; período identificado por autores como Dias, Melo & Alves Junior (2007) e Mascarenhas (2001) como o momento histórico do surgimento dessas práticas esportivas. Ainda hoje, tais termos são recorrentes nas falas incentivadoras das práticas esportivas, recreativas e turísticas em contato com a natureza. No momento atual, percebemos que muitos desses valores permanecem incorporados às narrativas que associam os esportes na natureza com melhorias na qualidade de vida e que se revelam como elemento de reforço da construção de concepções dicotômicas entre o meio urbano e meio natural.

A natureza, simbólica e materialmente incorporada à racionalidade instrumental do mundo capitalista, é concebida e incorporada num contexto de criação de necessidades que parecem ser naturais ao homem, mas que se constituem apenas em mais possibilidades de consumo, transformando-se em recurso, mercadoria (HENRIQUE,2009). Assim, as ideias relativas às concepções de natureza e de contato com esta são construídas de modo a evidenciar o seu papel como recurso, seja pela

valorização do espaço e por um intenso uso do território, seja pela fetichização de paisagens, como no caso da cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, a natureza oposta ao ambiente urbano tem suas “funções terapêuticas” constantemente reforçadas pelos discursos midiáticos, o qual podemos, a partir de seus elementos simbólicos, compreender um pouco mais de sua objetificação através dos esportes e a construção de narrativas que a reforçam como “fonte” da vida saudável e promotora de *status*.

Histórico dos esportes na natureza

Dias, Melo & Alves Junior (2007) apontam que são comuns trabalhos acadêmicos, que têm os esportes na natureza como objeto de investigação, desconsiderarem reflexões de natureza histórica ou as realizarem de forma parcial ou controvertida. Tal fato implica na construção de conceitos limitados no que diz respeito às interpretações complexas e amplas dessas práticas na sociedade contemporânea, bem como sua dinâmica no tempo e no espaço.

Partindo de um ponto de vista semelhante, Mascarenhas (2001) procurou sistematizar a perspectiva histórica das concepções de natureza que podem ser identificadas através das atividades recreativas na natureza. Neste momento, procuraremos indicar as principais contribuições desses autores para a compreensão do processo histórico que relaciona o homem à natureza através da prática esportiva.

Dias, Melo e Alves Junior (2007) apontam que os princípios de organização dos esportes na natureza se encontravam bem definidos desde o século XIX e que, por isso, devem ser analisados articuladamente com as “estruturas de longa duração” (BRAUDEL, 1978 apud DIAS, MELO & ALVES JUNIOR, 2007, p.365). Assim, ressaltamos que

[...] inovações nos hábitos esportivos que os esportes na natureza trazem consigo se inserem em um longo processo de desenvolvimento histórico, que deve ser seriamente considerado para fins de uma compreensão mais

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões*.

ampliada dos seus sentidos e significados no quadro contemporâneo. (DIAS, MELO & ALVES JUNIOR, 2007, p. 365)

Esse fato está diretamente relacionado aos entendimentos teórico e conceitual que atribuímos a estas práticas. Por isso, procuraremos resgatar brevemente as origens históricas dessas práticas como passo primeiro para a compreensão desse fenômeno e sua relação sócio espacial.

Conforme mencionado anteriormente, a origem dos esportes na natureza tem suas raízes no século XIX, indicando as mutações da relação entre homem e natureza - histórica e culturalmente construídas - ao longo do tempo. Dias, Melo & Alves Junior (2007) utilizaram o exemplo do montanhismo para discorrer sobre o processo histórico da relação entre esporte e natureza, apontando o período anterior à fundação dos clubes de montanhismo como um momento de temor e menosprezo às montanhas que, até meados do século XVIII, não estavam associadas à ideia de prazer e/ou beleza, ao contrário, eram muitas vezes censuradas tal qual o repúdio ao banho de mar, conforme também apontado por Mascarenhas (1999)².

Mascarenhas (2001) também destaca que essas práticas representam formas socialmente construídas de conceber e contemplar a natureza, ressaltando a importância de um apanhado histórico para a compreensão do fenômeno. O autor, baseado nos estudos de John Towner (1996, apud MASCARENHAS, 2001)³, assim como Dias, Melo & Alves Junior (2007), também identifica o século XVIII como o início de um

² Segundo o autor, foi somente a partir de 1850 que a utilização das praias da cidade do Rio de Janeiro para fins de banho adquiriu uma conotação mais ampla, ultrapassando o conceito estrito de banho exclusivamente por prescrição médica, para sanar problemas dermatológicos. "Até então, as praias eram utilizadas basicamente como depósito de dejetos urbanos e para a coleta de mariscos ou a pesca pelos setores socialmente marginalizados. Mesmo a prescrição médica encontrava alguma resistência, por ser o mar um domínio particularmente denso de crenças mágicas. Afinal, com a difusão do banho de mar para fins terapêuticos, iniciou-se um processo de apropriação da praia como local de lazer". (MASCARENHAS, 1999b, p.27).

³ O autor dedica um capítulo de sua obra ao entendimento das motivações de busca de lugares de natureza selvagem para fins turísticos.

MACHADO, Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões.

processo de mudança de percepção e de atitude do homem em relação à natureza. Até então, o “turista” que deixa a cidade em direção ao campo apreciava particularmente a paisagem agrícola, onde encontra a desejada harmonia da natureza ordenada e subjugada pelo trabalho humano. Tower (1996 apud MASCARENHAS, 2001) também indica que a natureza em estado selvagem era concebida como lugar inútil, inóspito, indesejável e perigoso, percepção em grande parte decorrente de influências do pensamento cristão. Para Tower (1996, apud MASCARENHAS, 2001), com o avanço e difusão da História Natural no decorrer do setecentismo⁴, tem-se início uma nova percepção da natureza, antes restrita aos viajantes naturalistas: o interesse pela diversidade de formas selvagens começa a se sobrepor à visão antropocêntrica.

Para Dias, Melo & Alves Junior (2007) é na virada do século XIX que se identifica uma mudança nesse paradigma, com a busca de atividades nas montanhas e no meio natural passando a exercer grande apelo imaginativo e fascínio:

No contexto da modernidade, os sentidos e os valores construídos em relação ao “meio ambiente” se desdobram em um conjunto de modelos de apreciação paisagística, uma nova maneira de conceber, de apreciar e de se relacionar com as “paisagens naturais”, que por sua vez incidem e se materializam numa série de práticas sociais, incluindo a popularização do hábito de se buscar meios “naturais” para as atividades de lazer, entre as quais as práticas esportivas. Nesse sentido, existe uma forte relação entre o surgimento desse novo sistema de representações colectivas e os primórdios dos esportes na natureza, mais particularmente com o desenvolvimento

⁴ Setecentismo também conhecido como Neoclassicismo ou Arcadismo é o movimento literário que nasceu no continente europeu no século XVIII, durante uma época de ascensão da burguesia e de seus valores políticos, religiosos e sociais. De forma geral, o Arcadismo é conhecido por ser um Movimento que exalta a natureza e a vida bucólica. Seu nome foi dado a partir de uma região grega chamada Arcádia, que era dita como a morada do deus da natureza, Pan. A exaltação da Natureza relacionava-se de um desejo bucólico, o Arcadismo estava sempre em busca pelos valores da Natureza, fazia muitas referências a terra e ao mundo natural. Os poetas dessa escola costumavam escrever sobre as belezas do campo, a tranquilidade que era proporcionada pela natureza e contemplavam a vida simples, desprezando a vida nos grandes centros urbanos, assim como também a agitação e os problemas das pessoas que viviam nesses lugares. Quando os representantes árcades moravam na zona urbana, iam sempre ao encontro com a natureza para purificar suas almas com os ares leves do campo. Disponível em: <<http://www.seara.uneb.br/sumario/alunos/jeaneedanusia.pdf>> Acesso em: Abr/2016.

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões.*

histórico e institucional do montanhismo, inegavelmente o grande precursor desses costumes esportivos. (DIAS, MELO & ALVES JUNIOR, 2007, p.363)

Ainda nesse contexto, a literatura e a pintura fornecem novas imagens da natureza, suscitando o prazer estético da contemplação de oceanos, desertos e montanhas. Trata-se de um contexto histórico que inaugura, destacadamente para as elites, um desejo crescente por “ler os arquivos da terra” (CORBIN, 1989, apud MASCARENHAS, 2001).

O progresso das ciências naturais é ressaltado como um dos impulsos decisivos para a emergência de uma nova sensibilidade em relação à natureza nos apontamentos de Dias, Melo & Alves Junior (2007). Os autores apontam a História Natural e a Geologia como exemplos de campos científicos que permitiram um maior conhecimento e compreensão do meio ambiente.

Segundo Mascarenhas (2001) e Dias, Melo & Alves Junior (2007), podemos elencar outros diversos elementos para compreensão da ressignificação da natureza para a sociedade europeia: a difusão de novas tecnologias de transporte, o processo de urbanização, a criação de parques e reservas para fins de preservação e ainda

[...] a nova organização do trabalho e a valorização dos momentos de lazer; o higienismo; a noção de pitoresco; a doutrina do sublime e o romantismo; a teologia natural; a difusão da figura do homem acadêmico; a popularização de algumas ciências e os avanços tecnológicos; tudo articulado com o conjunto de mudanças de natureza econômica. (DIAS, MELO & ALVES JUNIOR, 2007, p.363)

O incremento da busca da natureza e do mundo rural como ambientes “válvula de escape” para a agitação das grandes cidades indicam também o surgimento embrionário do “turismo de compensação”⁵ no transcorrer do século XIX. Para Dias,

⁵ O termo “turismo de compensação” utilizado por Mascarenhas (2001) relaciona-se à concepção crítico-marxista de lazer. Nessa perspectiva, segundo Fernandes, Húngaro & Athayde (2011) o lazer, para além MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões*.

Melo & Alves Junior (2007), com a influência direta da melhor eficiência dos meios de transporte, a possibilidade de conhecer novos lugares aumentou consideravelmente, incentivando o turismo de um modo geral, assim como o turismo na natureza. Segundo os autores, no final dos anos de 1880 “[...] lugares avaliados como símbolos de belezas misteriosas e selvagens eram invadidos por andarilhos em busca dos prazeres oferecidos pela natureza” (Idem, p.363).

O Higienismo e a busca natureza como antídoto aos males urbanos

Após demonstrarmos o contexto geral do movimento de “retorno à natureza” através dos esportes, procuraremos aprofundar um pouco mais um dos elementos dentre os múltiplos impulsionadores de fenômeno. Neste trabalho, temos um interesse especial em aprofundar a visão higienista que dava suporte a essas práticas, com particular interesse nas visões antagônicas que permeiam as concepções de saúde relacionados à vida urbana e ao contato com a natureza através dos esportes.

Dalben (2009) ressalta como a difusão dessas práticas na natureza, na cidade de São Paulo, estão diretamente relacionadas à concepção do ambiente urbano como causador de enfermidades, medos e angústias, sendo a natureza o antídoto eficiente. O autor aponta que o medo, a angústia, o pessimismo e a desconfiança são elementos que permeiam o imaginário social em relação ao ambiente urbano e a natureza apresenta-se como uma representação oposta a essa concepção.

Com um ritmo regrado e constante, a natureza passa a ser percebida como um ambiente ideal para tranquilizar a excitação característica da vida urbana, fonte de enfermidades e geradora de medo. Durante as primeiras décadas do século XIX e início do século XX, o “temor pela degenerescência da espécie humana” (DALBEN, 2009, p.26)

de mero antídoto das mazelas sociais ou apêndice do trabalho, visa compensar o que não pode ser compensado, questionando assim a existência unívoca dos aspectos positivos do lazer.

MACHADO, Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões.

estava diretamente relacionado ao meio urbano, fomentado pelas fobias por aglomerações, epidemias, álcool, etc.

“Um interessante indicativo da relação entre turismo e esportes na natureza é que as estações de montanha foram os primeiros destinos de viagem a criar centros de informações turísticas, o que indica também a organização de um mercado ao redor dessas práticas”

O autor destaca que esse “medo alarmado” foi bastante reforçado pelos discursos eugenistas, que relacionavam os problemas sanitários urbanos às péssimas condições de higiene protagonizadas pelas populações mais pobres associando-os às teorias de hereditariedade⁶. Em meio à essa concepção de urbano como ambiente de deterioração da saúde física e mental, surgem inúmeras instituições como as ligas, associações de caráter eugenistas, higienistas/sanitaristas, incumbidas de gerir o tempo livre e manter a ordem e a saúde da cidade e da população.

A obra de Michel Foucault (2008 apud DALBEN, 2009) é fundamental para a análise de Dalben (2009), sobretudo no que se refere à cultura do medo relacionado ao urbano no século XIX e sua influência na disseminação de campanhas sanitárias, higienistas e eugenistas, fortemente marcadas por uma construção do “[...] medo da degeneração: degeneração do indivíduo, da família, da raça, da espécie humana” (FOUCAULT, 2008 apud DALBEN, 2009, p.28), constituindo-se como um poderoso elemento de controle social. Segundo o autor, esse controle se dava não apenas no espaço urbano e nas horas de trabalho, mas também

⁶ Segundo Del Cont (2008), a eugenia surge no final do século XIX como uma das principais teorias da hereditariedade, constituindo-se como um conjunto de práticas, destacadamente a biometria, cujo objetivo central era encontrar regularidades estatísticas que pudessem indicar a prevalência de dadas características em um determinado conjunto populacional.

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões*.

nos tempos livres e nos locais de divertimentos, tornando-se grande fonte de preocupação e de investimento da administração médica:

Se a cidade, nesse momento, começa a ser percebida como um organismo que necessita de uma reestruturação para se fazer moderna e salutar, a natureza era considerada, muitas vezes, como um refúgio, como local para onde se podia fugir das mazelas urbanas. O medo da cidade incitava a procura pela natureza. De acordo com Keith Thomas (1996, p.300), “o crescente sentimento rural refletia um anseio autêntico que aumentaria constantemente, tanto em volume como em intensidade, com a expansão das cidades e o crescimento da indústria”. O cenário urbano, desenhado como ameaçador pelo discurso médico acerca das epidemias, aglomerados e imundices, despertava cada vez mais o medo diante da cidade e afugentava a população, induzindo-as a procurar os recônditos dos jardins públicos e as estâncias climáticas e hidrominerais. (DALBEN, 2009, p.28)

Nesse contexto, viagens em busca dos benefícios salutar da natureza começaram a ser realizadas já no final do século XIX, capazes de oferecer uma contrapartida ao modo de vida urbano e industrial. Um interessante indicativo da relação entre turismo e esportes na natureza é que as estações de montanha foram os primeiros destinos de viagem a criar centros de informações turísticas, o que indica também a organização de um mercado ao redor dessas práticas. Ressalta-se que não se tratava exclusivamente da busca pela natureza em si, sendo a associação entre turismo e esporte já existente, mesmo que de forma embrionária, nesse contexto:

Nessas viagens já se destacava o interesse pelo ar puro, mas também pela ginástica, pela aventura e pelas proezas físicas. Os lugares destinados às viagens de lazer estavam atrelados, graças ao forte apelo do discurso higienista da época, a virtudes medicinais, que quase sempre eram apresentadas como remédios para os males da vida urbana, notadamente o estresse e a poluição. (DIAS, MELO & ALVES JUNIOR, 2007, p.636)

Portanto, segundo os autores estudados, devemos destacar a revolução científica tecnológica do século XIX, associada destacadamente à difusão dos ideais higienistas, como possibilitadoras de intensas transformações nas atitudes humanas, sobretudo no que concerne à sensibilidade e à busca da natureza que, através dos MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões*.

esportes, proporciona uma experiência “harmônica” e “saudável”, contraposta à experiência “caótica” da realidade urbana.

Elementos higienistas nos discursos sobre os esportes na natureza na cidade do Rio de Janeiro

Após apresentarmos os principais elementos norteadores a fim de compreendermos a relação entre o fenômeno de “retorno à natureza” através dos esportes, procuraremos identificar os valores higienistas contidos na narrativa do periódico carioca de maior circulação. Essa perspectiva é identificada em imagens e textos de reportagens que incentivam o uso da natureza na cidade do Rio de Janeiro para fim “terapêutico”, demonstrando de maneira concreta a perpetuação das ideias higienistas nas narrativas sobre os esportes e a cidade.

Conforme nos apontam Alves Junior & Dias (2005), a geografia peculiar do Rio de Janeiro, caracterizada pelos autores como “entre o mar e a montanha” é um elemento chave para a compreensão do fenômeno esportivo ao ar livre da cidade. As paisagens naturais são uma característica marcante de seu território, sendo recortada por maciços montanhosos, dentre os quais se destaca o Maciço da Tijuca e marcada por um extenso litoral com suas praias oceânicas, a Baía da Guanabara e sistemas lagunares possibilitando, assim, sua constante associação de sua imagem à uma cultura esportiva ao ar livre.

Para este trabalho, temos como pressuposto a compreensão de que imagens e conteúdos são instrumentos fundamentais para a construção de nossa relação com o espaço. Assim, para melhor compreender conteúdos e imagens, é necessário um esforço para deixar claro, primeiramente, qual a sua especificidade e, quais as mensagens por eles veiculados, pois, conforme ressalta Novaes (2011, p.104):

MACHADO, Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões.

As informações mediadas são atualmente mais centrais do que secundárias, e dificilmente experimentamos um espaço sem tê-lo conhecido de forma mediada anteriormente. Nesse sentido, a categorização e a criação de estereótipos não devem ser entendidas como “distorções” ou “generalizações simplistas”, mas sim como parte constitutiva de nossas relações com os espaços.

A opção pela metodologia de análise de conteúdos tem o intuito de se afastar dos perigos da compreensão espontânea, intuitiva, para, numa atitude de “vigilância crítica” (BARDIN, 1977, p.28) buscando compreender essas mensagens textuais e visuais para além de seus significados imediatos. Assim, tentaremos agregar aplicar o que Bardin (1977) denomina como a complementação de uma “verificação prudente” e uma “interpretação brilhante”, cumprindo assim aquilo que denomina como “função heurística” da análise de conteúdo, ou seja, utilizando este instrumento como forma de enriquecer a tentativa exploratória, aumentando a propensão à descoberta. Para tal, consideramos fundamental uma adequação da metodologia ao domínio e aos objetivos pretendidos, através de uma adaptação ao nosso campo de aplicação. Para este artigo, selecionamos reportagens do Jornal O Globo dos anos de 2007 e 2016 (anos de realização dos Jogos Panamericanos e dos Jogos Olímpicos, respectivamente) nas quais a prática de esportes em ambiente marinho está explicitamente associada às concepções de saúde e qualidade de vida.

11 de Março de 2007, Matutina, Jornais de Bairro, página 3

🖨️ f 🐦 +

Terapia em grupo sobre as ondas

Profissionais liberais usam aulas de bodyboard para ganhar condicionamento físico e desestressar

Por Simone Candida
simone.candida@oglobo.com.br

- Durante a semana, eles são médicos, engenheiros, administradores de empresa, designers... Mas, aos sábados e domingos, eles só querem ser

chamados de bodyboarders. Neste verão, um grupo de profissionais liberais descobriu nas aulas de bodyboard um antídoto contra o estresse e o sedentarismo. E tem feito bonito nas águas da Barra. — O perfil do aluno mudou. Antes, as aulas atraíam mais os jovens. Agora, é a vez dos maiores de 30 — conta Marcus Cal Kung, dono da Escola Kung de Bodyboard.

TURMA TROCOU A ACADEMIA PELAS ONDAS, na página 4



■ NOS FINS de semana, as aulas de bodyboard da Escola Kung costumam reunir cerca de 30 alunos

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões.*

Figura 1. **Terapia em grupo sobre as ondas.** Legenda: reportagem sobre a prática de *bodyboard* no Rio de Janeiro, ressaltando seus aspectos terapêuticos. Fonte: O Globo, Caderno Barra, p.3, 11/03/2007. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2000200703>> Acesso em: 20.04.2015



Figura 2 - **“Turma trocou a academia pelas ondas”.** Legenda: reportagem sobre a prática de *bodyboard* no Rio de Janeiro, ressaltando seus aspectos terapêuticos. O GLOBO, Caderno Barra, p.4, 11/03/2007. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=200020070311>> Acesso em: 20.04.2015.

Nas figuras 1 e 2, apresentamos um dos exemplos encontrados, cujo título é “Terapia em grupo sobre as ondas”, observamos que o objetivo dessa prática, segundo o subtítulo, consiste em “ganhar condicionamento físico e desestressar”.

A reportagem ilustra de maneira clara como as ideias oriundas do higienismo ainda estão fortemente associadas ao uso do corpo e até mesmo à “sobrevivência” dos indivíduos na cidade. O uso de termos usuais do vocabulário médico são bastante representativos do aspecto sanitário que nos interessa ressaltar: “Neste verão, um grupo de profissionais liberais descobriu nas aulas de *bodyboard* um antídoto contra o

estresse e o sedentarismo”⁷. Assim, termos que são explicitamente relacionados ao universo da saúde são diretamente associados às atividades físicas na natureza.

Na figura 2, que consiste na continuação da mensagem, o emissor destaca as vantagens qualitativas dos ambientes naturais em detrimentos das academias e outros ambientes tradicionais para a realização de atividades físicas:

O prazer de se exercitar em contato com a natureza é ressaltado nas mensagens textuais e visuais nas quais os alunos aparecem “felizes” e “renovados” por meio do contato com o mar através do esporte. No texto, os praticantes apresentam depoimentos como o de Heloisa Sassald, que reitera o poder terapêutico do esporte em contato com a natureza e afirma que o estilo de vida é positivo também por proporcionar uma maior interação social: “Aqui você se desestressa. E ainda tem a ‘social’ com o grupo depois das aulas.”⁸

Outro aspecto a ser destacado na mensagem analisada, é a troca do ambiente fechado das academias, tradicional para prática de atividades físicas nas grandes cidades, pelo contato com a natureza. O emissor apresenta a concepção de que o esporte ao ar livre é mais benéfico que a prática de atividades físicas em academias e ambientes fechados, justificando por isso um aumento de 50% de alunos matriculados para as aulas de *bodyboard* no verão. Segundo Wendel (2009), a relação entre cidade e natureza nesta ideologia é de negar as conquistas dos homens perante a natureza, enaltecendo um retorno a uma natureza romântica e primitiva, que, porém, omite a concepção de uma natureza “altamente tecnificada e acrescida de instrumentos técnicos para propiciar o conforto na vida individual e acesso restrito, definido pela renda” (Idem, p. 24).

⁷ (O Globo, Caderno Barra, p.3, 11/03/2007. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=2000200703>> Acesso em: 20.04.2015.);

⁸ O GLOBO, Caderno Barra, p.4, 11/03/2007. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=200020070311>> Acesso em: 20.04.2015.

Em uma outra ocorrência, retirada do Caderno Barra de 03 de abril de 2016, o jornal O Globo apresenta a prática do *stand up paddle*, ou “remo em pé” também conhecido pela sigla *SUP*, na qual identificamos novamente elementos das concepções higienistas que permeiam as práticas turístico-esportivas na natureza. Exaltando o potencial turístico dessa atividade, a reportagem apresenta os relatos de cariocas e turistas que experimentaram tais práticas, nas quais observamos a reprodução de ideais higienistas dos esportes na natureza, que para além do reforço na dicotomia urbano x natural, nos revelam também elementos de mercantilização da natureza.



Figura 3 - “Em boas ondas. Passeio até as Ilhas Tijucas atrai cariocas e turistas nos fins de semana.” Legenda: reportagem sobre a prática de *stand up paddle* no Rio de Janeiro, ressaltando seus aspectos terapêuticos. Fonte: O GLOBO, Caderno Barra, p.10, 03/04/2016. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160403>> Acesso em: 20.04.2015.

“Um passeio como esse faz com que nos sintamos fora do caos urbano”. (O GLOBO, Caderno Barra, p.10, 03/04/2016). O trecho em destaque constitui-se um indicador latente da ideologia higienista presente nas narrativas desenhadas para qualificar as práticas esportivas na natureza. No corpo do artigo, a fala da entrevistada

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões.*

Manuela Dantas, revela elementos ainda mais consistentes para a nossa análise de conteúdo:

A advogada Manuela Dantas resolveu experimentar o passeio naquele sábado. Sem muita habilidade com *stand up paddle*, preferiu seguir no pranchão e curtir tranquilamente a paisagem. Para ela, o passeio é uma forma de relaxamento. — O visual compensa muito. É ótimo morar no Rio, uma cidade tão confusa e tão linda. Passamos a semana inteira em nossas rotinas corridas, e aproveitar o fim de semana num passeio como esse faz com que nos sintamos fora do caos urbano. A travessia até as Ilhas Tijucas é sensacional, uma experiência única — garante⁹.

Observamos, tanto nos conteúdos textuais quanto nos conteúdos visuais destacados, uma objetificação da natureza em sua relação com a cidade: na Figura 3, podemos observar que na imagem maior à esquerda, um forte apelo estético, com corpos “saudáveis” e ao natural à mostra, os prédios ao fundo se contrapondo aos elementos naturais superdimensionados e valorizados, com destaque para o mar e o céu, numa mensagem permeada de valores de liberdade, paz e positividade, atribuídas diretamente ao mito romântico de “retorno à natureza”. Esses valores são reforçados no depoimento da entrevistada destacado no período acima, que exalta o prazer da contemplação da paisagem carioca e seus elementos naturais, com forte destaque seu papel compensatório, capaz de se contrapor e anular o caos urbano.

Assim, percebemos que as narrativas sobre as práticas esportivas na natureza no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro estão diretamente relacionadas à noções higienistas que reforçam a concepção de natureza como a materialização da felicidade. A busca do bem-estar e da felicidade derivam de um ideal de vida saudável que coloca em constante oposição as ideias de natureza e urbano, cujos valores higienistas que reforçam e relacionam-se diretamente com uma visão mercantilizada da natureza.

⁹ O GLOBO, Caderno Barra, p.10, 03/04/2016. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160403>> Acesso em: 20.04.2015.

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões*.

Neste sentido, se estabelece uma vinculação da felicidade e vida saudável ao consumo e ao valor de troca adquiridos pela apropriação da natureza através dos esportes. Esta associação, segundo Wendel (2009)

acaba por gerar a formulação de ações de planejamento urbano, nas esferas públicas e/ou privadas, bem como em diversas escalas, atreladas à busca de uma feliz cidade sem conflitos, esteticamente aprazível e carregada de verde, mesmo que apenas simbolicamente, capaz de suprir, por si mesma, as necessidades intrínsecas aos homens e cumprir seus papéis na satisfação dos desejos criados na contemporaneidade, principalmente, pelo consumo. (WENDEL, 2009, p.22)

Considerações finais

Procuramos demonstrar neste artigo que os esportes em ambientes naturais, muitas vezes associado ao lazer e o turismo, são frutos de transformações de natureza histórico-social na forma de conceber e relacionar-se com a natureza, inseridas num contexto de “retorno à natureza” (DIAS, 2007, p.2).

Assim, é de suma importância que os estudos voltados para a relação entre os esportes e a natureza ressaltem os fundamentos elementares da ideia de busca da natureza como fonte de prazer e de divertimento e, conforme enfatizado nesse trabalho, de saúde, tidas como as principais características do surgimento dos esportes na natureza, identificando e contextualizando sua origem no século XIX.

Ressaltamos também que, já no século XIX, essas práticas organizavam-se em modelos bastante semelhantes ao dos dias atuais. Hoje em dia, tais esportes apresentam uma série de novas peculiaridades, dialogando com as diversas dimensões socioculturais contemporâneas, porém, não se apresentam como ruptura com os formatos multifacetados do campo esportivo: “[...] antes parecem mais

desdobramentos desse processo contínuo e tenso de configuração” (DIAS, MELO & ALVES JUNIOR, 2007, p.636).

Dentre uma das características que demonstram permanecer relacionadas a esse fenômeno, procuramos dar destaque aos aspectos higienistas que constituem tal processo. Assim, a partir da revisão bibliográfica e das reportagens analisadas neste trabalho, concordamos com Marinho (2008), ao apontar que as atividades de lazer e as atividades esportivas na natureza, tendo como objetivo complementar, aliviar, recompensar, ir além ou reencantar o estar no mundo, foram metas das sociedades ocidentais modernas e ainda prevalecem como tal nos dias atuais, em diferentes níveis e a partir de novas configurações. Desta maneira, a concepção de natureza como antídoto às mazelas urbanas é um dentre muitos exemplos do contexto no qual está inserido o desejo de “re-encantamento do mundo” (MARINHO, 2008, p.183) num reforço à tradicional dicotomia entre “ambiente construído” x “ambiente natural”, onde a natureza na cidade é apropriada como valor de troca, com fortes referências a uma visão de natureza baseada nas concepções do romantismo do século XIX e mobilizadora de novas formas de mercantilização e privatização de bens públicos, intensificando uma mercantilização da natureza na cidade.

A partir dessa breve análise, concordamos com as ideias apresentadas por Wendel (2009), em sua obra “O direito à natureza na cidade”, que nos sensibilizam quanto à necessidade de compreendermos a natureza na cidade como natureza humanizada e valor de uso, além do imperativo de nos atentarmos aos fenômenos de mercantilização/privatização da natureza fomentados pela tradicional visão dicotômica que permeiam os discursos e representações sobre os usos da natureza na cidade.

No que se refere aos esportes ao ar livre e ao imperativo da natureza estetizada das paisagens cariocas incorporados às representações da cidade do Rio de Janeiro, observamos que os conteúdos e imagens da difusão midiática dessas práticas estão

MACHADO, Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões.

fortemente influenciadas por uma visão que reforça esse antagonismo, contribuindo, assim, para a disseminação de uma concepção de natureza como valor de troca, subordinando-a, através dos esportes, a uma lógica cada vez mais economicista.

Referências bibliográficas

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

DALBEN, André. *Educação do corpo e vida ao ar livre: natureza e educação física em São Paulo (1930 - 1945)*. Campinas, SP: [s.n], 2009. 170 p.

DEL CONT, Valdeir. *Francis Galton: eugenia e hereditariedade*. Sci. stud., São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, Jun./2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09/11/2017.

DIAS, C. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. *Licere*, Belo Horizonte, vol. 10, nº3, 2007. p.1-36.

DIAS, C. & ALVES JÚNIOR, E.D. A Cidade do Rio de Janeiro como equipamento de lazer: os esportes na natureza. CONGRESSO INTERNACIONAL JUEGO, RECREACION Y TIEMPO LIBRE. Montevideu. *Anais*. Montevideu: UFMG/CELAR, 2005.

DIAS, C. A. G.; MELO, V.; ALVES JÚNIOR, E. D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, vol. 7, nº3, 2007. p. 358-367. Disponível em: <http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.7_nr.3/1-09.pdf> Acesso em: Mar/2016.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. *O mito moderno da natureza intocada*. 3.ed. São Paulo: Hucitec Núcleo de Apoio à pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000. 161p.

FERNANDES, E. R., HÚNGARO, E.M & ATHAYDE, P.F. Lazer, trabalho e sociedade: notas introdutórias sobre o lazer como um direito social. *EFDeportes.com Revista Digital*, Año 16, nº 155, Buenos Aires, Abr/2011. Disponível em:

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões*.

<<http://www.efdeportes.com/efd155/o-lazer-como-um-direito-social.htm>>. Acesso em: Abr/2016.

GIL, A.M.L. *Los factores de localización espacial para actividades turístico-deportivas en la naturaleza*. n.92, Málaga: Estudios y Ensayos, 2004. 295p.

LUCHIARI, Maria Tereza. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. *Asociación Canária de Antropología*, nº4, 1998. Disponível em: <<http://www.antropologiasocial.org/contenidos/publicaciones/otautores/fortcon.pdf>> Acesso em Abr/2016.

145

MARINHO, A. *Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 181-206, maio/agosto de 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/5756/3364>> Acesso em ar/2016

MASCARENHAS, G. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Revista Estudos Históricas*. CPDOC, nº 23, Rio de Janeiro, Jun/1999. p.17-39. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2086>> Acesso em Jul/2015.

_____. Lugares de aventura: Turismo esportivo e visões da natureza. Lugares de aventura: turismo esportivo e visões da natureza. *Anais do VIII Encuentro de Geógrafos de América Latina*, Santiago do Chile, Março de 2001. Disponível em: <<http://observatíoriogeográficoamericatlatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/15.pdf>>. Acesso em Jul/2014.

WENDEL, H. *O direito à natureza na cidade*. Salvador: EDUFBA, 2009. 186 p.

Data de Submissão: 09/08/2018

Data da Avaliação: 13/09/2018

MACHADO, *Concepções Higienistas nos Discursos Sobre os Esportes na Natureza na Cidade do Rio de Janeiro: Origens e Repercussões*.